

Carta do Gestor

Agosto 2026

SUMÁRIO

CENÁRIO ECONÔMICO:

BRASIL: Após registrar avanço de 0,16% em junho, abaixo da expectativa de 0,31%, a prévia de julho também apresentou nova surpresa baixista.

EUA: O Federal Reserve (Fed) manteve a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% na reunião de julho.

EUROPA: O Banco Central Europeu manteve a taxa de juros em 2,25%, mas deixou em aberto a possibilidade de voltar a elevar a taxa de juros nas próximas reuniões.

PROJEÇÕES:

Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

RENTA FIXA:

O mês de julho mostrou-se bastante desafiador para as estratégias de renda fixa, em um ambiente marcado por noticiário volátil e por uma dissociação relevante entre os fundamentos domésticos e o comportamento dos preços dos ativos.

RENTA VARIÁVEL:

O mês de julho foi marcado por maior volatilidade nos mercados globais, com destaque para a correção recente das empresas de semicondutores.

MULTIMERCADO:

Retorno dos principais índices e desempenho dos fundos multimercado.

FUNDOS MULTIGESTORES:

Desempenho dos fundos espelhos



BRASIL

Após registrar avanço de 0,16% em junho, abaixo da expectativa de 0,31%, a **prévia de julho também apresentou nova surpresa baixista**. IPCA-15 variou 0,06% em julho, bem abaixo da expectativa de mercado (0,22%). No acumulado em 12 meses, o índice desacelerou de 4,80% para 4,52%, ligeiramente acima do teto da meta (4,50%). As surpresas baixistas foram disseminadas entre importantes itens da cesta, com destaque para os alimentos no domicílio, que registraram deflação de 1,14% no mês, confirmando o cenário mais benigno para o grupo no curto prazo. A leitura também seguiu mostrando uma melhora qualitativa, com dinâmica mais favorável dos núcleos. Na média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada, os serviços subjacentes desaceleraram de 5,4% para 5,0%, ainda que novamente influenciados pela queda de seguro de automóvel, enquanto o núcleo de industriais recuou de 6,2% para 5,4%. Na mesma métrica, a média dos núcleos desacelerou para 4,5% (de 5,1%). Diante do cenário mais benigno, revisamos nossa projeção para o IPCA de 2026 para 5,1%. Dados de atividade econômica surpreenderam negativamente em maio. Segundo os dados do IBGE, o volume de serviços recuou 0,4% no mês, pouco abaixo de nossa projeção e do mercado, após alta de 1,1% na margem em abril. Com isso, o dado representa um carregamento de 0,3% para o 2º trimestre.



BRASIL

A abertura contou com resultados mistos: as contribuições negativas vieram de transportes (-1,0%), puxados por transporte aéreo e armazenamento, e outros serviços (-1,9%), com influência de serviços financeiros. Por outro lado, serviços profissionais, administrativos e complementares cresceram 1,9%, enquanto serviços às famílias, 0,2% na margem, puxados por alimentação. Da mesma forma, as vendas no varejo também vieram abaixo do esperado em maio. No varejo restrito, as vendas subiram 0,1% em relação a abril, com queda concentrada em supermercados e produtos alimentícios (-1,5%), além de equipamentos para escritório e informática (-1,7%). Na quebra por itens ligados à renda e itens ligados ao crédito, essa segunda modalidade compensou parcialmente o recuo da primeira. No varejo ampliado, que inclui, além dos itens do restrito, veículos, materiais de construção e atacado de alimentos, houve queda de 0,2% no mês, a despeito do crescimento das duas primeiras linhas. Como consequência, o IBC-Br, índice de atividade econômica do Banco Central, teve avanço de apenas 0,1% em maio, com contribuição negativa da agropecuária. Em conjunto, os dados sugerem um 2º trimestre mais fraco para a atividade, em linha com nossa expectativa de menor crescimento do PIB no período.



EUA

O Federal Reserve (Fed) manteve a taxa de juros no intervalo de 3,50% a 3,75% na reunião de julho. No comunicado, o Comitê de Política Monetária (FOMC) promoveu apenas ajustes marginais na redação, reiterando que a inflação permanece elevada e que a política monetária está bem posicionada para responder à evolução dos dados. A decisão contou com três dissidências, de Beth Hammack, Neel Kashkari e Lorie Logan, que defenderam uma alta de 25 pb. Apesar da divisão interna, o comunicado preservou a avaliação de que a atividade econômica segue sólida e não trouxe qualquer sinalização explícita sobre os próximos passos da política monetária. Na coletiva, Kevin Warsh manteve o tom cauteloso e reforçou sua preferência por uma comunicação com pouca sinalização futura (forward guidance), defendendo que os mercados devem formar suas próprias avaliações sobre a trajetória da economia e dos juros. Ainda assim, suas declarações foram interpretadas como moderadamente menos incisivas a respeito de uma possível alta de juros. Ao destacar o aperto já promovido pelas condições financeiras, Warsh levantou dúvidas sobre a efetivação de um aperto monetário. Mantemos a expectativa de manutenção dos juros nesse patamar por período prolongado.



EUROPA

O Banco Central Europeu manteve a taxa de juros em 2,25%, mas deixou em aberto a possibilidade de voltar a elevar a taxa de juros nas próximas reuniões.

Apesar de ter mantido os juros inalterados, o BCE reforçou o tom cauteloso em relação à inflação. O comunicado destacou que os preços de energia permanecem próximos ao cenário-base das projeções de junho, em patamares significativamente acima do observado antes do conflito no Oriente Médio. Além disso, a autoridade afirmou que o impacto inflacionário do choque energético ainda não se manifestou integralmente e reiterou que segue monitorando seus efeitos indiretos e de segunda ordem. Embora Christine Lagarde tenha mantido a mensagem de dependência dos dados e evitado sinalizar uma trajetória específica para os juros, a comunicação sugere que o BCE continua mais preocupado com os riscos inflacionários do que com a desaceleração da atividade. Dessa forma, interpretamos a decisão como uma "pausa hawkish" e seguimos avaliando que o cenário-base permanece compatível com pelo menos mais uma alta de juros na reunião de setembro.

PIB

2026	2027
2,00%	1,50%

SELIC

2026	2027
13,75%	11,75%

IPCA

2026	2027
5,10%	4,50%

DÓLAR

2026	2027
5,10	5,20

As projeções expressas neste relatório são apenas indicativas e não são garantidas de forma alguma.

PERSPECTIVAS RENDA FIXA

O mês de julho mostrou se bastante desafiador para as estratégias de renda fixa, em um ambiente marcado por noticiário volátil e por uma dissociação relevante entre os fundamentos domésticos e o comportamento dos preços dos ativos. Ainda que o conjunto de informações locais tenha evoluído de forma construtiva, a deterioração do cenário externo prevaleceu como fator determinante para a dinâmica das curvas de juros ao longo do período. No âmbito doméstico, o noticiário foi predominantemente positivo, sobretudo nas frentes de atividade, crédito e inflação. Na margem, os dados passaram a mostrar sinais mais claros de desaceleração da atividade no segundo trimestre. Na leitura do ano como um todo, a política fiscal e os estímulos via canal de crédito seguem impedindo uma desaceleração mais expressiva frente a 2025, mas a política monetária tende a se tornar o vetor dominante a partir do último trimestre, com o mercado passando a incorporar expectativas de queda de juros em 2027. Na frente inflacionária, os últimos dados trouxeram surpresas baixistas relevantes, configurando um cenário mais benigno no curto prazo. O desempenho negativo do mês, portanto, veio essencialmente de fatores externos, que deterioraram de forma significativa a dinâmica dos ativos de risco. O principal destaque foi a retomada do conflito geopolítico entre Estados Unidos e Irã, que levou o petróleo a voltar a operar acima de US\$ 100 por barril ao longo do mês. Esse movimento reacendeu as preocupações com a inflação global e pressionou as curvas de juros ao redor do mundo. Nossa avaliação é de que o tema deve permanecer como fator relevante de incerteza nas próximas semanas, especialmente em um cenário no qual os ataques entre os dois países se mantenham. Adicionalmente, o Federal Reserve voltou ao radar dos investidores ao longo do último mês. O banco central manteve a taxa de juros no intervalo entre 3,50% e 3,75%, em linha com as expectativas do mercado. O comunicado veio praticamente inalterado em relação ao mês anterior, reforçando a preocupação com a inflação e destacando a resiliência da atividade econômica nos Estados Unidos.

A principal novidade, contudo, ficou por conta da votação dividida dentro do comitê, com três dirigentes defendendo uma elevação de juros já nesta reunião. Na coletiva de imprensa realizada após o comunicado, o presidente do Fed, Kevin Warsh, reforçou uma postura dependente dos dados e evitou oferecer sinalizações mais claras sobre os próximos passos da política monetária. Ainda assim, abriu margem para uma interpretação menos convicta quanto à necessidade de aumento adicional de juros, o que repercutiu de forma relevante na curva americana, com queda de taxas nos vencimentos mais curtos e alta nos vértices mais longos. Esse movimento reflete a discussão crescente do mercado a respeito da credibilidade da autoridade monetária norte americana em conduzir a inflação à meta no médio e longo prazo. Em termos de alocação, ao longo de julho reduzimos as exposições a risco, refletindo a menor convicção na tese predominante dos meses anteriores, centrada em um ciclo de correção monetária. O ambiente externo foi o fator preponderante para essa redução marginal de risco, com o objetivo de limitar a exposição dos portfólios em um momento de elevada volatilidade. De toda forma, preservamos o viés aplicado na curva de juros nominais, com concentração nos vértices curtos e intermediários, segmento mais diretamente associado ao ciclo de política monetária doméstica. Na parcela de juros reais, reduzimos o viés aplicado ao longo da curva de NTN Bs, diante da percepção mais negativa para os ativos atrelados à inflação nas carteiras no atual contexto.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA



DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Corporativo IE (28.515.917/0001-48)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda. O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, acima do índice de referência. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes, como Bradesco, Safra, BTG. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Raia Drogasil, Hidrovias do Brasil e Localiza, além da parcela alocada em FIDCs.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 81,0% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Inflação (44.315.854/0001-32)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, acima do índice de referência. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes, como Bradesco, Safra, BTG. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Raia Drogasil, Hidrovias do Brasil e Localiza, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 81,0% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Performance 22 (20.216.336/0001-01)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinada do Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Itaú. No mercado corporativo, os principais destaques foram Localiza, CESP e Sendas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 79,8% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Plus (32.387.924/0001-89)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinada do Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Itaú. No mercado corporativo, os principais destaques foram Localiza, CESP e Sendas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 79,8% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Ultra (37.532.786/0001-06)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O fundo Crédito Privado Ultra, que se distingue por uma estratégia mais concentrada em crédito privado e com maior flexibilidade na alocação, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Hospital Esperança de Recife, Raia Drogasil e CSMG, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. No mês, as principais compras se concentraram em Letras Financeiras perpétua de Banco Safra, além de debêntures de Isa Energia, Iochpe Maxion, Localiza e Eletrobrás.

Atualmente o fundo encontra-se com a concentração de 91,9% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas CDI (32.388.012/0001-21)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas CDI II (54.829.603/0001-20)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em CDI para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. Na parcela de crédito, a contribuição positiva do portfólio veio de SPE Saneamento Rio 4, AEGEA, Rumo, Concessionária Automotiva Raposo Tavares e CELESC Distribuidora de Energia. Por outro lado, empresas como Alupar, TAG, VPorts e Neo Energia, apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o tom foi mais cauteloso. Diferentemente do mercado bancário e de parte do corporativo high grade, a liquidez mostrou-se mais fraca, com menor atividade no secundário.

Notamos uma atuação mais vendedora de algumas tesourarias e investidores, o que contribuiu para abertura pontual de spreads em alguns papéis ao longo dos últimos dias. Parte dessa cautela ocorreu em paralelo ao aumento das discussões envolvendo a Thopen, empresa de geração distribuída de energia renovável que obteve uma tutela de urgência para proteção contra credores enquanto prepara seu pedido de recuperação judicial, papel no qual que a Bradesco Asset não possuía em suas carteiras. O caso reacendeu debates sobre governança, alavancagem e qualidade dos projetos em determinados nichos do setor, reforçando a importância da análise fundamentalista, da disciplina na avaliação de estruturas e da atenção a modelos de negócio que cresceram de forma acelerada ao longo dos últimos anos.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira adquiridos nas últimas semanas foram CELPE, Eneva, Aliança Energia. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 73,7% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas Inflação (44.315.861/0001-34)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio de CPFL, Coelba, Concessionária de Rodovia Sul-Matogrossense e Concessionária Ecovias Raposo-Castelo. Por outro lado, empresas como Energisa Rondônia, MRS, CEMIG e Claro apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o tom foi mais cauteloso. Diferentemente do mercado bancário e de parte do corporativo high grade, a liquidez mostrou-se mais fraca, com menor atividade no secundário.

Notamos uma atuação mais vendedora de algumas tesourarias e investidores, o que contribuiu para abertura pontual de spreads em alguns papéis ao longo dos últimos dias. Parte dessa cautela ocorreu em paralelo ao aumento das discussões envolvendo a Thopen, empresa de geração distribuída de energia renovável que obteve uma tutela de urgência para proteção contra credores enquanto prepara seu pedido de recuperação judicial, papel no qual que a Bradesco Asset não possuía em suas carteiras. O caso reacendeu debates sobre governança, alavancagem e qualidade dos projetos em determinados nichos do setor, reforçando a importância da análise fundamentalista, da disciplina na avaliação de estruturas e da atenção a modelos de negócio que cresceram de forma acelerada ao longo dos últimos anos.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são Coelba, Eletrobras, Concessionária Rodovias Noroeste Paulista e Aliança Energia. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 92,5% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas Inflação II (54.853.464/0001-70)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho positivo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio de CPFL, Coelba, Concessionária de Rodovia Sul-Matogrossense e Concessionária Ecovias Raposo-Castelo. Por outro lado, empresas como Energisa Rondônia, MRS, CEMIG e Claro apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, o tom foi mais cauteloso. Diferentemente do mercado bancário e de parte do corporativo high grade, a liquidez mostrou-se mais fraca, com menor atividade no secundário.

Notamos uma atuação mais vendedora de algumas tesourarias e investidores, o que contribuiu para abertura pontual de spreads em alguns papéis ao longo dos últimos dias. Parte dessa cautela ocorreu em paralelo ao aumento das discussões envolvendo a Thopen, empresa de geração distribuída de energia renovável que obteve uma tutela de urgência para proteção contra credores enquanto prepara seu pedido de recuperação judicial, papel no qual que a Bradesco Asset não possuía em suas carteiras. O caso reacendeu debates sobre governança, alavancagem e qualidade dos projetos em determinados nichos do setor, reforçando a importância da análise fundamentalista, da disciplina na avaliação de estruturas e da atenção a modelos de negócio que cresceram de forma acelerada ao longo dos últimos anos.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são Coelba, Eletrobras, Concessionária Rodovias Noroeste Paulista e Aliança Energia. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 92,5% de crédito na carteira.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

DI Premium (03.399.411/0001-90)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

Nesse cenário, o fundo Referenciado DI Premium alcançou um resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, Bradesco e Santander. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Seguimos, com maior cautela, à procura de boas oportunidades no mercado primário e secundário, a fim de incorporar a carteira de crédito, que hoje representa aproximadamente 43,9% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Dívida Externa Crédito Soberano (74.326.471/0001-20)

No mercado offshore, mês de estabilidade em relação aos spreads, porém de performance fraca devido ao movimento de abertura de juros US. O CDS Brasil, por sua vez, operou estável ao longo do mês. Historicamente as férias de verão no hemisfério norte deixam os meses de julho e agosto com liquidez mais baixa. Não esperamos grandes movimentos nesse próximo mês, mas o mercado deve colocar mais peso para as questões eleitorais no segundo semestre. O fundo com exposição a ativos corporativos brasileiros emitidos no exterior obteve desempenho positivo no mês.

Inflação Curta (32.742.742/0001-89)

O IMA-B5 teve desempenho positivo e superior ao IMA-B cheio, beneficiado pelo carregamento elevado e pela menor sensibilidade à volatilidade da ponta longa da curva real. A duration mais curta permitiu capturar o ambiente de melhora das taxas reais com menor risco de marcação a mercado, reforçando o papel defensivo do índice dentro da família dos títulos indexados à inflação.

Inflação Longa (13.400.050/0001-08)

Os títulos indexados à inflação apresentaram recuperação em julho, em contraste com a pressão observada no mês anterior. O fechamento parcial das taxas reais favoreceu o desempenho das NTN-Bs, especialmente após a melhora do ambiente de risco local e a leitura de inflação mais benigna. O IMA-B capturou esse movimento positivo da curva real, ainda que o desempenho tenha sido moderado pela composição entre vértices curtos e longos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Max DI (32.312.124/0001-07)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

Nesse cenário de manutenção dos spreads corporativos, o fundo Referenciado DI apresentou um resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, Bradesco e Santander. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Continuamos buscando oportunidades de crédito, seja do mercado primário ou secundário, com a alocação em aproximadamente 44,6% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Multi-índices Max (32.743.313/0001-26)

Julho mostrou-se um mês bastante desafiador para as estratégias de renda fixa, ainda que os fundos tenham apresentado bom desempenho, operando acima do CDI no período. No âmbito doméstico, o noticiário foi predominantemente positivo, com sinais mais claros de desaceleração da atividade no segundo trimestre e surpresas baixistas nos dados de inflação, configurando um cenário mais benigno no curto prazo. O desempenho adverso dos ativos, contudo, veio essencialmente do exterior, com a retomada do conflito geopolítico entre Estados Unidos e Irã levando o petróleo a operar acima de US\$ 100 por barril, o que reacendeu preocupações inflacionárias globais e pressionou as curvas de juros ao redor do mundo.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada, mas chamou atenção a votação dividida no comitê, com três dirigentes defendendo elevação já nesta reunião. Em termos de alocação, reduzimos as exposições a risco, especialmente após a retomada do conflito, com os portfólios carregando posições de risco predominantemente na parcela de juros nominais, estratégias de curvatura na curva de juros reais e posições em opções referentes às duas próximas reuniões do Copom, com expectativa de corte de 25 pontos base.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Novo Executivo (12.092.501/0001-24)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O fundo com estratégia dedicada ao crédito privado obteve resultado positivo e acima do CDI no mês. Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, Bradesco e Santander. O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. O total de crédito privado representa aproximadamente 66,9% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Performance SRI (12.088.861/0001-52)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O fundo Crédito Privado Performance SRI, que se dedica a investir em empresas com responsabilidade social, adquire atualmente cotas do fundo Sustentabilidade, que segue a mesma estratégia, e registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Tigre, Hapvida, Sendas, Localiza e CESP, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos à procura de boas oportunidades nos mercados primários e secundários. Vale destacar que nos últimos meses fomos também vendedores ativos de crédito que sentimos menor confiança, devido ao baixo patamar de spreads de crédito.

Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 40,0% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Prefixado Curto (07.364.099/0001-50)

O IRF-M apresentou desempenho positivo em julho, refletindo a combinação entre carregamento elevado e fechamento parcial da curva nominal de juros. O movimento foi favorecido pela melhora do apetite por ativos domésticos, por leituras de inflação mais benignas e pela expectativa de início gradual do ciclo de flexibilização monetária. Apesar da sensibilidade dos vértices intermediários e longos, o índice capturou a melhora da curva prefixada no mês.

Prefixado Longo (32.388.052/0001-73)

O IRF-M1+ também avançou em julho, beneficiado pelo fechamento parcial das taxas prefixadas e pela melhora do ambiente de risco doméstico. Apesar da maior duration e da sensibilidade superior à marcação a mercado, o índice foi favorecido pela precificação de inflação mais comportada e pela expectativa de queda gradual da Selic, ainda que com retorno inferior ao IRF-M1.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Solaro Crédito Privado (49.647.466/0001-72)

Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito. Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

O fundo Rating 90, que se dedica a estratégias de crédito privado mais concentradas, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre eles as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinada do Bradesco, Banco do Brasil, Santander e Itaú. No mercado corporativo, os principais destaques foram Localiza, CESP e Sendas. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. No mês, as principais compras se concentraram em Letras Financeiras perpétua de Banco Safra, além de debêntures de Isa Energia, TAESA, Localiza e Eletrobrás. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração de 84,2% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

O mês de julho foi marcado por maior volatilidade nos mercados globais, com destaque para a correção recente das empresas de semicondutores. Após uma valorização expressiva de cerca de 80% entre março e junho, as ações do setor recuaram aproximadamente 20% nos últimos dias do mês. Esse movimento gerou efeitos colaterais em fundos com posições alavancadas na Coreia e nos Estados Unidos. Ainda é cedo para afirmar que a queda esteja relacionada a mudanças nos fundamentos do setor. No entanto, o movimento aumentou as preocupações em torno da elevada concentração dessas empresas nos portfólios de investidores globais, contribuindo para uma rotação entre setores e países. O S&P 500 teve queda de 0,13% e o Nasdaq teve queda de 3,2% em dólares.

As tensões geopolíticas no Oriente Médio também voltaram a influenciar os mercados, pressionando os preços do petróleo. A commodity encerrou o mês próxima de USD 80 por barril, reacendendo preocupações com riscos inflacionários e com a possibilidade de juros mais altos.

No Brasil, o Ibovespa avançou 3,47% no período, destacando-se entre as principais bolsas globais. O desempenho positivo foi concentrado nos setores de Energia, com destaque para petróleo, Papel & Celulose e Serviços Financeiros. Na ponta negativa, os setores defensivos e ligados a economia doméstica. No mês O fluxo do investidor estrangeiro voltou a ser positivo, totalizando R\$ 2,1 bi em julho e 36 bi no ano (dados até 30/07 no mercado a vista)

Devemos seguir com volatilidade elevada para o segundo semestre, porém preços parecem ajustado para um cenário desafiador. Os múltiplos permanecem próximos dos menores níveis observados na última década, enquanto um eventual cenário de maior disciplina fiscal a partir de 2027 ainda parece pouco incorporado aos preços dos ativos. Na nossa avaliação, essa combinação mantém uma assimetria favorável para o investidor de longo prazo.

PERSPECTIVAS RENTA VARIÁVEL

Nos fundos, mantivemos o foco em empresas de qualidade, com modelos de negócio resilientes e menor dependência do ciclo econômico. Ao longo do mês, mantivemos exposição aos setores de energia elétrica e saneamento, mantendo uma postura mais conservadora em temas ligados a commodities e à queda de juros. Seguimos identificando oportunidades em companhias com histórico consistente de execução e capacidade de ganho de participação de mercado, mesmo em um ambiente de juros elevados.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA VARIÁVEL

	MÊS	ANO	12 MESES	24 MESES	36 MESES
S&P 500 USD	-0,13%	9,41%	18,15%	35,63%	63,21%
MSCI WORLD USD	0,46%	9,42%	18,94%	35,73%	58,21%
IDIV	3,00%	10,19%	29,82%	41,71%	57,38%
IBOVESPA	3,47%	10,47%	33,76%	39,44%	45,97%
SMALL CAPS	-0,77%	-5,31%	4,54%	7,37%	-6,96%
IBRX100	3,42%	10,37%	33,39%	39,26%	46,44%

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

BDR Nível I Ações (13.401.224/0001-57)

A estratégia BDR teve retorno negativo e abaixo do S&P 500 em julho. Destaque negativo para desvalorização do Dólar em relação ao Real e seletividade da estratégia. O mês foi marcado pela volta das incertezas nos mercados globais, refletindo o recrudescimento das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã. O ambiente de maior aversão ao risco contribuiu para movimentos expressivos de rotação entre setores ao longo do mês, elevando a volatilidade e reduzindo a visibilidade sobre a trajetória dos ativos de risco. Diante desse cenário, optamos por manter uma postura mais cautelosa, com posicionamento neutro e baixo risco ativo, priorizando a preservação de capital enquanto aguardamos maior clareza sobre a evolução dos eventos geopolíticos e seus impactos sobre os mercados. Em termos de alocação, não realizamos aumentos relevantes de exposição, permanecendo atentos a oportunidades que possam surgir com uma eventual estabilização do ambiente de mercado.

Bolsa Americana (18.959.094/0001-96)

O S&P 500 teve retorno positivo em julho. O mês foi marcado pela volta das incertezas nos mercados globais, refletindo o recrudescimento das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã. O ambiente de maior aversão ao risco contribuiu para movimentos expressivos de rotação entre setores ao longo do mês, elevando a volatilidade e reduzindo a visibilidade sobre a trajetória dos ativos de risco.

Cedro Long Biased IQ (36.521.777/0001-49)

A estratégia Cedro/Long Biased teve desempenho negativo e abaixo do Ibovespa em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Mineração & Siderurgia e Bancos. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Imobiliário, Logística, Transportes & Infraestrutura e Varejo. Aumentamos a exposição em Mineração & Siderurgia, Consumo e Bens de Capital & Serviços, reduzindo em Logística, Transportes & Infraestrutura, Serviços Financeiros e Varejo. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Energia, Utilidades Públicas e Bancos. Estamos com exposição comprada no Brasil e vendida no Exterior.

China Ações IE (39.151.551/0001-91)

O Bradesco China apresentou um retorno nominal de negativo, mas acima de seu benchmark durante o mês. Em julho, o mercado global apresentou maior volatilidade, refletindo preocupações com a inflação e a continuidade das tensões geopolíticas. As bolsas globais tiveram desempenho misto, com o S&P 500 encerrando o mês em leve queda, pressionado principalmente pela forte desvalorização do setor de tecnologia, com destaque para as empresas de semicondutores, após o forte desempenho acumulado no primeiro semestre. No mercado de renda fixa, as Treasuries registraram abertura das taxas de juros, refletindo a reavaliação das expectativas para a política monetária americana. O petróleo avançou ao longo do mês, impulsionado pelas preocupações com a oferta global e pela persistência dos riscos geopolíticos, enquanto os mercados emergentes apresentaram desempenho moderado. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o UBS China A, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo Aberdeen China.

Equity Hedge Multimercado (38.376.759/0001-46)

A estratégia Equity Hedge teve desempenho negativo e abaixo do CDI em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Utilidades Públicas e Consumo. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Logística, Transportes & Infraestrutura, Imobiliário e Serviços Financeiros. Aumentamos a exposição em Energia, Consumo e Bancos, reduzindo em Logística, Transportes & Infraestrutura, Varejo e Utilidades Públicas. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Mineração & Siderurgia e Energia. Estamos com exposição comprada em Brasil e neutra no Exterior.

Estratégia Crescimento (34.123.529/0001-14)

A estratégia Sequoia/Mid Small Caps teve desempenho positivo, mas abaixo do Ibovespa em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Mineração & Siderurgia e Bancos. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Imobiliário, Varejo e Consumo. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Bancos e Logística, Transportes & Infraestrutura, reduzindo em Energia, Varejo e Educação. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Utilidades Públicas e Logística, Transportes & Infraestrutura.

Estratégia Dividendos (32.312.071/0001-16)

A estratégia Centurion Dividendos teve desempenho positivo, mas abaixo do Ibovespa em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Serviços Financeiros e Bancos. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Imobiliário, Logística, Transportes & Infraestrutura e Utilidades Públicas. Aumentamos a exposição em Bancos, Mineração & Siderurgia e Energia, reduzindo em Serviços Financeiros, Utilidades Públicas e Tecnologia, Mídia & Telecom. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Energia, Utilidades Públicas e Bancos.

Estratégia Ibovespa Ativo (26.315.539/0001-23)

A estratégia Long Only teve desempenho positivo, mas abaixo do Ibovespa em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Bancos e Serviços Financeiros. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Utilidades Públicas, Logística, Transportes & Infraestrutura e Imobiliário. Aumentamos a exposição em Consumo, Bens de Capital & Serviços e Mineração & Siderurgia, reduzindo em Utilidades Públicas, Bancos e Logística, Transportes & Infraestrutura. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Bancos e Energia.

Estratégia Small Caps (32.387.983/0001-57)

A estratégia Figueira Small Caps teve desempenho positivo, mas abaixo do SMLL em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Mineração & Siderurgia, Saúde e Energia. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Imobiliário, Varejo e Consumo. Aumentamos a exposição em Consumo, Saúde e Imobiliário, reduzindo em Bens de Capital & Serviços, Energia e Utilidades Públicas. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Varejo e Utilidades Públicas.

Europa Ações (18.079.081/0001-22)

A estratégia Bradesco Europa teve retorno positivo em julho. Destaque positivo para valorização das ações. Negativo para a seletividade da estratégia e desvalorização do Euro em relação Real. O mês foi marcado pela volta das incertezas nos mercados globais, refletindo o recrudescimento das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã.

Explorer Horizon (44.704.993/0001-58)

O Bradesco Explorer Horizon apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização. Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o BRAM Ibovespa Gestão, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo 3G Radar STB Ações.

Global Ações IE (18.085.924/0001-01)

A estratégia global de ações teve resultado negativo em julho e abaixo do MSCI World ACWI, índice de referência da estratégia. Destaque negativo para desvalorização das moedas em relação ao Real e seletividade da estratégia. Neutro para estabilidade do valor das ações. O mês foi marcado pela volta das incertezas nos mercados globais, refletindo o recrudesimento das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã. O ambiente de maior aversão ao risco contribuiu para movimentos expressivos de rotação entre setores ao longo do mês, elevando a volatilidade e reduzindo a visibilidade sobre a trajetória dos ativos de risco. Diante desse cenário, optamos por manter uma postura mais cautelosa, com posicionamento neutro e baixo risco ativo, priorizando a preservação de capital enquanto aguardamos maior clareza sobre a evolução dos eventos geopolíticos e seus impactos sobre os mercados. Em termos de alocação, não realizamos aumentos relevantes de exposição, permanecendo atentos a oportunidades que possam surgir com uma eventual estabilização do ambiente de mercado.

Ibovespa Ações (indexado) (32.387.966/0001-10)

O Ibovespa voltou ao campo positivo em julho, interrompendo uma sequência de quatro meses de desempenho negativo. A recuperação foi impulsionada pela melhora do apetite por risco local, expectativa de flexibilização gradual da Selic e retorno de fluxo para ativos brasileiros. O movimento ficou concentrado em empresas de maior liquidez, reforçando que a recuperação da bolsa ainda foi seletiva, mas suficiente para manter o índice como destaque entre os ativos domésticos no acumulado do ano.

Japão Ações (21.347.655/0001-00)

A estratégia Bradesco Japão teve retorno negativo em julho. Destaque positivo para valorização do Iene em relação ao Real. Destaques negativos para desvalorização das ações e seletividade da estratégia. O mês foi marcado pela volta das incertezas nos mercados globais, refletindo o recrudescimento das tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã.

Multigestores Balanceado (28.428.137/0001-60)

O Bradesco Multigestores Balanceado apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização.

Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o BRAM Ibovespa Gestão, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo AZ Quest Top Long Biased Ações.

Sustentabilidade Empresarial (07.187.751/0001-08)

A estratégia Sustentabilidade teve desempenho positivo, mas abaixo do Ibovespa em julho. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Bancos e Papel, Celulose & Madeira. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Utilidades Públicas, Imobiliário e Tecnologia, Mídia & Telecom. Aumentamos a exposição em Bens de Capital & Serviços, Varejo e Mineração & Siderurgia, reduzindo em Utilidades Públicas, Imobiliário e Energia. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Utilidades Públicas e Bens de Capital & Serviços.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Família Carteira Bradesco (44.302.283/0001-00)

Fundo em processo de encerramento - alocação 100% FEDERAL II - PL abaixo de R\$ 6 mm

Danúbio Juros e Moedas (42.878.589/0001-75)

Julho foi marcado pela retomada nas tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã, a volatilidade no petróleo e atenção aos riscos inflacionários globais, enquanto o avanço da inteligência artificial continuou ditando o comportamento dos mercados internacionais. A manutenção dos juros pelo Federal Reserve trouxe maior previsibilidade e sustentou o apetite por risco. No Brasil, a inflação benigna favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos. Apesar da volatilidade, os principais mercados encerraram o mês com retornos positivos. Pela ótica da estratégia, a exposição direcional em juros reais, especialmente nos vértices curtos (de até 3 anos) e o posicionamento em moedas desenvolvidas trouxeram impacto negativo ao fundo.

As posições de valor relativo nos juros nominais e reais contribuíram a rentabilidade, bem como o direcional nos juros nominais de vértices intermediários, resultando em um desempenho consolidado acima do CDI.

BRADESCO DEB. INCENTIVADAS CDI ATIVO (62.617.588/0001-84)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI Ativo apresentou desempenho positivo no mês de julho, superando o CDI. Refletindo principalmente o impacto das posições em valor relativo nos juros nominais e reais e a manutenção dos spreads de crédito. Julho foi marcado pela retomada nas tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã, a volatilidade no petróleo e atenção aos riscos inflacionários globais, enquanto o avanço da inteligência artificial continuou ditando o comportamento dos mercados internacionais. A manutenção dos juros pelo Federal Reserve trouxe maior previsibilidade e sustentou o apetite por risco. No Brasil, a inflação benigna favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos. Apesar da volatilidade, os principais mercados encerraram o mês com retornos positivos. No segmento de infraestrutura, o tom foi mais cauteloso.

Diferentemente do mercado bancário e de parte da corporativo high grade, a liquidez mostrou-se mais fraca, com menor atividade no secundário. Notamos uma atuação mais vendedora de algumas tesourarias e investidores, o que contribuiu para abertura pontual de spreads em alguns papéis ao longo dos últimos dias. Parte dessa cautela ocorreu em paralelo ao aumento das discussões envolvendo a Thopen, empresa de geração distribuída de energia renovável que obteve uma tutela de urgência para proteção contra credores enquanto prepara seu pedido de recuperação judicial, papel no qual que a Bradesco Asset não possuía em suas carteiras.

O caso reacendeu debates sobre governança, alavancagem e qualidade dos projetos em determinados nichos do setor, reforçando a importância da análise fundamentalista, da disciplina na avaliação de estruturas e da atenção a modelos de negócio que cresceram de forma acelerada ao longo dos últimos anos. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado.

ESG Global (38.860.877/0001-25)

No mercado offshore, mês de estabilidade em relação aos spreads, porém de performance fraca devido ao movimento de abertura de juros US. O CDS Brasil, por sua vez, operou estável ao longo do mês. Historicamente as férias de verão no hemisfério norte deixam os meses de julho e agosto com liquidez mais baixa. Não esperamos grandes movimentos nesse próximo mês, mas o mercado deve colocar mais peso para as questões eleitorais no segundo semestre. O fundo que tem como objetivo alocar em empresas voltadas para o tema ESG, e que equilibra uma alocação em ativos locais, obteve desempenho acima do CDI no mês. Em julho, o mercado de crédito privado manteve uma dinâmica positiva, com a demanda por ativos continuando superior à oferta de novas emissões. Esse desequilíbrio sustentou o fechamento dos spreads, especialmente nos segmentos de maior qualidade de crédito.

Apesar do ambiente favorável, os spreads já se encontram em níveis historicamente mais comprimidos, reduzindo o potencial de ganhos adicionais via valorização dos ativos. Nesse contexto, a geração de retorno tende a depender cada vez mais do carregamento e da seletividade na escolha dos emissores. A ausência de gatilhos claros para uma abertura relevante de spreads segue favorecendo uma postura mais alocada, embora a evolução do pipeline de emissões no segundo semestre deva ser acompanhada de perto, dada sua capacidade de alterar o atual equilíbrio entre oferta e demanda.

Explorer Challenge (51.709.979/0001-02)

O Bradesco Explorer Challenge (51.709.979/0001-02) apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização.

Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos em termos de performance foi o SPX Hornet Equity Hedge B, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo Springs Equity Hedge Plus.

Família Alocação (01.606.543/0001-10)

Julho foi marcado pela retomada nas tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã, a volatilidade no petróleo e atenção aos riscos inflacionários globais, enquanto o avanço da inteligência artificial continuou ditando o comportamento dos mercados internacionais. A manutenção dos juros pelo Federal Reserve trouxe maior previsibilidade e sustentou o apetite por risco. No Brasil, a inflação benigna favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos. Apesar da volatilidade, os principais mercados encerraram o mês com retornos positivos. Como consequência, as carteiras apresentaram desempenho inferior ao CDI. Os principais vetores de performance foram os ativos de renda variável global, além da renda fixa doméstica, principalmente nos ativos atrelados à inflação, que acabaram impactando negativamente a carteira.

Multigestores Max (32.743.384/0001-29)

O Bradesco Multigestores Max apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização. Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco Multigestores Plus.

Multigestores Multimercado (07.667.620/0001-28)

O Bradesco MM Multigestores apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização. Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads.

Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco Juros Moedas e Volatilidade, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo Bradesco Equity Hedge.

Multigestores Plus (28.428.129/0001-14)

O Bradesco Multigestores Plus apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Julho foi marcado por maior aversão a risco com a volta das tensões no Oriente Médio, forte alta do petróleo e aumento do risco inflacionário global. As curvas de juros globais abriram e houve volatilidade nas bolsas por ajuste técnico de posicionamento principalmente em temas ligados a IA. Apesar da melhora dos dados de inflação local e expectativas de curto prazo, o Brasil foi influenciado pelo cenário externo, com desempenho negativo das curvas de juros. O Ibovespa apresentou alta no mês, mas o destaque ficou para empresas petroleiras, enquanto os cíclicos domésticos seguiram pressionados. Na indústria de crédito privado, tivemos captação líquida positiva, indicando algum sinal de estabilização. Mês positivo para a classe com estabilidade dos spreads.

Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o IB Oceana Long Biased Ações, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo SPX Estratégia Nimitz.

Ômega Multimercado (35.847.960/0001-76)

Julho foi marcado pela retomada nas tensões geopolíticas entre Estados Unidos e Irã, a volatilidade no petróleo e atenção aos riscos inflacionários globais, enquanto o avanço da inteligência artificial continuou ditando o comportamento dos mercados internacionais. A manutenção dos juros pelo Federal Reserve trouxe maior previsibilidade e sustentou o apetite por risco. No Brasil, a inflação benigna favoreceu o fechamento da curva de juros e a recuperação dos ativos. Apesar da volatilidade, os principais mercados encerraram o mês com retornos positivos. Pela ótica da estratégia, a exposição direcional em juros reais, especialmente nos vértices curtos (de até 3 anos) trouxeram impacto negativo ao fundo.

As posições de valor relativo nos juros nominais e reais contribuíram a rentabilidade, bem como as posições com opções no mercado acionário e o direcional nos juros nominais de vértices intermediários, resultando em um desempenho consolidado acima do CDI.

Ouro (37.235.748/0001-83)

O ouro convertido para reais recuou em julho, apesar da alta do metal em dólares, refletindo o impacto negativo da apreciação do real frente ao dólar no período. Como o indicador combina a variação do XAU/USD com a variação do USD/BRL, a valorização do ouro internacional foi mais do que compensada pela queda do câmbio, resultando em desempenho negativo em moeda local.

DESEMPENHO DOS FUNDOS CAMBIAIS

Cambial Dólar H (02.294.024/0001-26)

O dólar recuou frente ao real em julho, devolvendo parte da recomposição observada no mês anterior. O movimento refletiu melhora do apetite por ativos domésticos, entrada de fluxo para a bolsa brasileira e enfraquecimento global da moeda americana. O diferencial de juros local permaneceu elevado e continuou oferecendo suporte ao real, enquanto a percepção de menor pressão inflacionária reforçou a leitura de melhora relativa para ativos brasileiros.

RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

Julho	2026	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	ACUM. a.a.
Ibovespa	Ibovespa	Ouro	OURO	S&P 500	IHFA	S&P 500	OURO	IBX	DÓLAR	IBX	S&P 500
3,47%	10,47%	46,65%	59,64%	24,23%	13,57%	26,89%	55,93%	33,39%	17,13%	27,55%	234,54% 12,88%
IBX	IBX	Ibovespa	DÓLAR	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	DÓLAR	Ibovespa	OURO	Ibovespa	IBX
3,42%	10,37%	33,95%	27,91%	22,28%	12,74%	7,39%	28,93%	31,58%	16,93%	26,86%	202,84% 11,76%
IMA-S	S&P 500	IBX	S&P 500	IBX	CDI	IMA-S	S&P 500	S&P 500	IBX	S&P 500	Ibovespa
1,23%	9,41%	33,45%	23,31%	21,27%	12,39%	4,67%	16,26%	28,88%	15,42%	19,42%	195,55% 11,48%
CDI	IMA-S	IRF-M	IMA-S	IRF-M	IRF-M	OURO	IRF-M	OURO	Ibovespa	IRF-M	Ouro
1,22%	8,26%	18,22%	11,11%	16,51%	8,82%	4,43%	6,69%	28,10%	15,03%	15,20%	188,72% 11,22%
IMA-B	CDI	S&P 500	CDI	IMA-B	IMA-B	CDI	IMA-B	IMA-B	IMA-B	OURO	IRF-M
0,97%	8,14%	16,39%	10,83%	16,05%	6,37%	4,42%	6,41%	22,95%	13,06%	13,89%	141,74% 9,26%
IRF-M	IRF-M	IHFA	IHFA	IMA-S	Ibovespa	IHFA	IHFA	IRF-M	IRF-M	IMA-B	IMA-B
0,85%	5,95%	15,09%	5,65%	13,25%	4,69%	1,79%	5,27%	12,03%	10,73%	12,79%	135,94% 8,99%
S&P 500	IMA-B	IMA-S	IRF-M	CDI	IBX	IMA-B	IBX	IHFA	IHFA	IHFA	IMA-S
-0,13%	5,09%	14,55%	1,86%	12,99%	4,02%	-1,26%	3,50%	11,12%	7,09%	12,41%	134,28% 8,92%
IHFA	IHFA	CDI	IMA-B	IHFA	DÓLAR	IRF-M	Ibovespa	IMA-S	CDI	IMA-S	CDI
-0,60%	2,64%	14,32%	-2,44%	9,27%	-6,50%	-1,99%	2,92%	5,99%	6,42%	10,16%	131,64% 8,79%
OURO	DÓLAR	IMA-B	IBX	OURO	OURO	IBX	CDI	CDI	IMA-S	CDI	IHFA
-0,74%	-7,73%	13,17%	-9,71%	-5,96%	-8,48%	-11,17%	2,76%	5,96%	6,42%	9,93%	124,01% 8,43%
DÓLAR	Ouro	DÓLAR	Ibovespa	DÓLAR	S&P 500	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	S&P 500	DÓLAR	DÓLAR
-1,92%	-13,77%	-11,14%	-10,36%	-7,21%	-19,44%	-11,93%	2,39%	4,02%	-6,24%	1,50%	55,79% 4,55%

MÍDIAS SOCIAIS

Produção de **conteúdo recorrente**, com **assuntos em alta**, **análises econômicas**, **performance de fundos** e muito mais!



YouTube

Bradesco Asset Management



Instagram

@bradesco.asset



LinkedIn

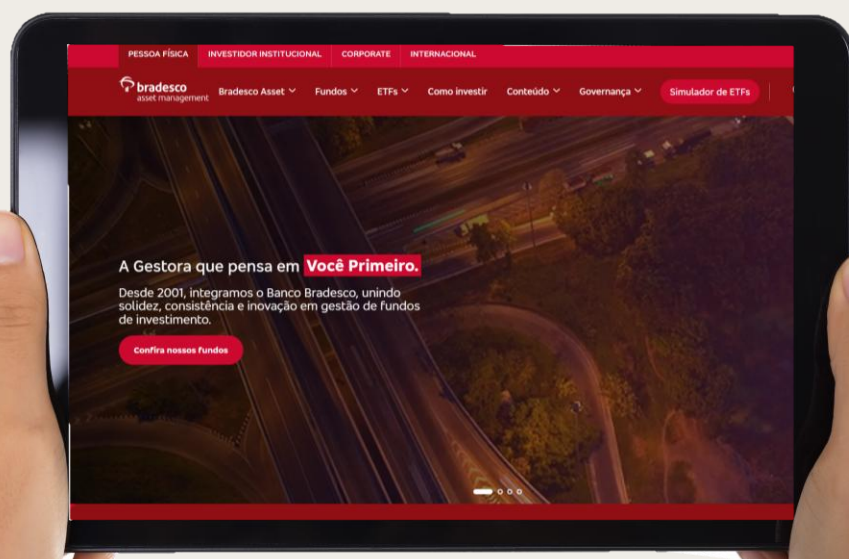
Bradesco Asset Management

Site

<https://bradescoasset.com.br/>

O melhor para você! Conheça a nova experiência de navegação do site da Bradesco Asset.

Acesse com **ainda mais praticidade** informações sobre nossos **produtos e serviços**.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento de gestão de recursos do Banco Bradesco S.A. Todas as opiniões, estimativas e projeções que constam do presente material traduzem nosso julgamento no momento da sua elaboração e podem ser modificadas a qualquer momento e sem aviso prévio, a exclusivo critério do Bradesco e sem nenhum ônus e/ou responsabilidade para este. O Bradesco não será responsável, ainda, por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Qualquer decisão de contratar a estrutura aqui apresentada deve ser baseada exclusivamente em análise do cliente, sendo exclusivamente do cliente a responsabilidade por tal decisão. Nenhuma suposição, projeção ou exemplificação constante deste material deve ser considerada como garantia de eventos futuros, rentabilidade e/ou de "performance". Este documento não constitui e nem deve ser interpretado como sendo solicitação de compra ou venda, oferta, convite, análise de valor mobiliário, recomendação de qualquer ativo financeiro ou investimento, contratação da estrutura ou qualquer obrigação por parte do Bradesco, de qualquer forma e em qualquer nível. O conteúdo deste material foi elaborado com base em informações públicas, e o Bradesco não assegura e/ou garante, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Os instrumentos financeiros discutidos neste material estão sujeitos a riscos de mercado, liquidez e risco de crédito do emissor, e podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os clientes interessados em investir nas estratégias aqui apresentadas devem procurar aconselhamento financeiro conforme seus interesses, antes de tomar qualquer decisão de investimento, sendo de sua exclusiva responsabilidade a decisão de investimento. Este conteúdo se destina ao uso exclusivo do destinatário, e não pode ser reproduzido, copiado, alterado, total ou parcialmente, ou distribuído a qualquer pessoa sem o prévio consentimento por escrito da Bradesco Asset Management. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. ANTES DE INVESTIR, LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, ASSIM COMO O REGULAMENTO, ANEXO-CLASSE E APÊNDICE SUBCLASSE, CONFORME O CASO. Os documentos podem ser encontrados no site da CVM por meio de consulta pelo CNPJ do Fundo.

O Fundo não aceita aporte diretamente. No PGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre o montante total do resgate, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva), sendo passível de dedução na base de cálculo de até 12% dos rendimentos tributáveis para Pessoa Física que seja contribuinte do INSS e que faça a declaração pelo modelo completo de IR. No VGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre os rendimentos, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva) no momento do resgate. Os beneficiários de aposentadoria ou pensão dos regimes mencionados ficam dispensados da regra de recolhimento de contribuição no regime geral ou próprio de previdência social para fins de dedução das contribuições no PGBL. Consulte o regulamento do Plano de Previdência e/ou Plano VGBL para mais informações.

Bradesco Vida e Previdência S.A. - CNPJ 51.990.695/0001-37 - Avenida Alphaville, 779 - Empresarial 18 do Forte - Barueri/SP - CEP 06472-900. A aprovação do plano pela SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação a sua comercialização. De acordo com a Lei nº 14.803/2024, o participante tem a opção de escolher o regime tributário no momento do primeiro resgate ou do recebimento do benefício. Informamos os tributos incidentes sobre prêmios ao seguro de vida com cobertura por sobrevivência: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); IOF, entre 0% e 7,38% (*). Tributos sobre as contribuições de previdência privada e FAPI: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*). Tributos sobre a taxa de administração: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); ISS, de 2% a 5% (*).

(*) Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. O regulamento poderá ser consultado no portal da SUSEP, na rede mundial de computadores. Os direitos e as obrigações das partes estão definidos na proposta e no regulamento do plano contratado.

Para saber mais sobre esse e outros fundos, acesse app

Bradesco > Investimentos > Investir > Fundos de Investimento e busque pelo nome.

Se preferir, consulte seu gerente de relacionamento ou fale com nossos especialistas de investimentos:

Por telefone

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | **SAC – Alô Bradesco:** 0800 704 8383 | **SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala:** 0800 722 0099 | Ouvidoria: 0800 727 9933. **Assessoria de Investimentos:** Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília.

